

REVOLTA DE IBICABA E O FIM DO SISTEMA DE PARCERIA. Moisés

Stahl, Claudinei Magno Magre Mendes. – Área Humanidades – História – Departamento de História – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

O presente trabalho tem como objetivo analisar um momento importante na História do Brasil, esse momento se insere em meados do século XIX, nas primeiras tentativas de implantação do trabalho livre do imigrante europeu na província de São Paulo. O Sistema de Parceria é considerado por alguns historiadores como Verena Stolcke, com destacada exceção de Caio Prado Jr., como sendo o período de transição do trabalho escravo para o trabalho livre assalariado. Este sistema fracassou, a revolta dos colonos na fazenda Ibicaba foi o início desse fracasso.

A Revolta de Ibicaba, ocorrida no fim da década de 1850, em fins de 1856 e início de 1857, assinala o fim do Sistema de Parceria. Essa revolta foi à expressão final de todos os pontos problemáticos do Sistema de Parceria. O principal ponto é que, contribuiu de forma decisiva para o malogro do sistema foi a ideologia escravocrata dos proprietários, que não sabendo estes lidar com o colono imigrante, tratava-os em certos casos como escravos.

Um documento importante para compreendermos o pensamento do colono e as suas reivindicações na época, é o relato, em forma de livro, do colono Thomas Davatz. Davatz era suíço, mestre-escola em seu país, veio para o Brasil trabalhar nas fazendas de café como os seus companheiros de leva. Em seu livro *Memórias de um colono no Brasil*, Davatz relata o que aconteceu desde o momento que ele e seu grupo puseram os pés no Brasil, desde a contratação na Europa até o levante, cuja liderança ficou sob seu comando. Este livro é um documento raro, em vista de serem esses trabalhadores em sua grande maioria analfabetos, portanto incapazes de expor seus ideais reivindicadores. A instrução de um colono mostrou a força dos colonos na reivindicação dos seus direitos. A revolta possibilitou a melhora nas condições dos colonos e deportação do seu principal líder, Thomas Davatz, para seu país de origem. Mesmo assim o sistema não logrou sucesso. Isto tudo num espaço de vinte anos, desde a primeira tentativa frustrada feita pelo Senador Vergueiro no início da década de 1840, com os imigrantes açorianos até final dos anos 1850, com o fracasso da experiência com os colonos suíços e alemães na fazenda Ibicaba. Ao passo que os escravos com mais de trezentos anos de esforços realizados no Brasil, teve na abolição o desprezo total das autoridades com relação a sua inclusão à sociedade, foi, o negro, alijado à margem da sociedade. O estudo de Florestan Fernandes sobre essa integração do negro na sociedade, merece ser lido para um melhor entendimento desse assunto: *A integração do Negro na Sociedade de Classes*. Portanto é visível a importância desse momento na História do Brasil, onde se passa a transição da mão-de-obra escrava para a assalariada, sendo a parceria a transição.

Colocarei de forma sucinta algumas considerações históricas necessárias para a compreensão do assunto, desde a primeira tentativa de implantação do braço europeu nas fazendas do Senador Vergueiro até o seu malogro, e também algumas considerações historiográficas acerca do tema.

A fazenda Ibicaba era propriedade do Senador Nicolau de Campos Vergueiro, foi o Senador o pioneiro a utilizar a mão-de-obra imigrante no trato da lavoura. A fazenda Ibicaba foi considerada modelo em sua época e referência para outros fazendeiros.

Até 1850 os escravos constituíam a mão-de-obra principal e abundante das fazendas. A partir daí com a lei Eusébio de Queirós, que proibia o tráfico de escravos, e o crescente ataque ao trabalho escravo, alguns fazendeiros paulistas seguiram o exemplo do senador e começaram realizar experiências com o trabalho livre. Os fazendeiros tomaram consciência de que a escravidão estava condenada. Consciência essa já tinha o Senador Vergueiro e seus filhos. Para tal empreita recorreu-se ao braço do imigrante.

Em 1847 - a primeira tentativa de implantação do trabalho livre na fazenda do Senador Vergueiro, ocorreu em 1840, com a contratação de 80 famílias portuguesas. Essa experiência falhou por causa das turbulências políticas de 1842 - o Senador Vergueiro torna-se o primeiro fazendeiro a introduzir o trabalho do imigrante na produção cafeeira. Vergueiro oferece aos trabalhadores dois tipos de contrato, a parceria e o contrato por locação de serviços; os imigrantes optaram pelo primeiro. A parceria renderia aos imigrantes cinquenta por cento na participação dos ganhos líquidos. As obrigações que o fazendeiro tinha que ter com os colonos eram: o fazendeiro financiava o transporte dos imigrantes de seu país de origem até o porto de Santos, adiantava o custo do transporte de Santos até a fazenda, bem como os gêneros e

REVOLTA DE IBICABA E O FIM DO SISTEMA DE PARCERIA. Moisés

Stahl, Claudinei Magno Magre Mendes. – Área Humanidades – História – Departamento de História – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

instrumentos necessários aos imigrantes até que estes pudessem pagá-los com o produto de suas primeiras colheitas. Os trabalhadores cuidariam de um certo número de pés de café, enquanto o fazendeiro lhes cedia um pedaço de terra para cultivarem seus próprios alimentos. O pagamento ao fazendeiro ficava sendo metade do rendimento do café e das culturas alimentares. Além disso os trabalhadores ficavam com a obrigação de reembolsar as despesas gastas pelo fazendeiro em benefício do imigrante, metade dos seus ganhos anuais e outros adiantamentos. Os trabalhadores não podiam deixar a fazenda sem reembolsar a dívida do patrão.

Percebe-se um aparente êxito na fazenda Ibicaba. Com isso outros fazendeiros voltaram seus olhos para o trabalho do imigrante. Contribuiu muito para isso a suspensão do tráfico negreiro e, outrossim, os fazendeiros tinham a noção de que a escravidão estava fadada a um fim – apesar deste fim ter demorado um pouco. Para tal empresa os fazendeiros vizinhos das fazendas da família Vergueiro, recorreram a Vergueiro & Cia., para tratarem dos contratos em terras do velho continente. A Vergueiro & Cia. ficou sendo o intermediário, um agente, entre os fazendeiros e os imigrantes estabelecidos na Europa.

Com o investimento de novos fazendeiros os contratos ficaram piores para os colonos. A partir daí houve um endurecimento dos contratos, ficaram mais onerosos para os imigrantes. Agora toda a família ficava presa à dívida; essa foi a forma com que os fazendeiros se valeram para não saírem perdendo em caso de morte ou qualquer outro comprometimento com o chefe da família imigrante. O endurecimento dos contratos, por parte dos fazendeiros em detrimento dos colonos, ou a falta de trato dos proprietários com os colonos, e a mentalidade arraigada a valores escravocratas, foi o motivo principal que levou os colonos a se sublevarem contra a Casa Vergueiro, e em última instância foi o motivo do fracasso do Sistema de Parceria.

A atribuição de que o trabalho livre, no caso o Sistema de Parceria, era pouco rentável aos fazendeiros, tem sua validade e seus motivos. E isso se verificou com maior evidência após o levante dos colonos em 1857. Os imigrantes pouco produziam nas roças de café, devido ao pouco lucro que lhes rendiam. Preferiam dedicar-se mais às culturas alimentares. Quando perguntados a respeito do assunto respondiam que estavam sobrecarregados de dívidas e por isso não se interessavam em cultivar o café. Suas lavouras alimentares produziam o suficiente, não vendo motivos de se matarem tanto de trabalhar. A dificuldade dos fazendeiros era esta. Os colonos preferiam trabalhar mais no cultivo dos seus alimentos do que no cultivo do café. Mas isso tem sua origem no desvantajoso contrato, que só fazia os colonos contraírem dívidas. Os fazendeiros não tinham como impor uma maior produtividade, coercitivamente, ao colono. Estes estavam desanimados com o aumento das dívidas. Tudo se encaminhava para um levante dos colonos.

A revolta ocorrida em Ibicaba não teve vulto de um levante armado onde o confronto se torna real e direto. A revolta ficou na ameaça e na discussão. Segundo Davatz foi disparado dois tiros por parte dos colonos. Tiros estes endereçados ao pasto, um tiro diz ele nem ter ouvido. Ele não relata se houve tiros da parte dos proprietários. Thomas Davatz foi o principal líder dessa revolta. Era ele um mestre-escola suíço que veio tentar uma vida melhor no Brasil. Tinha uma boa instrução, por isso ficou sendo responsável por mandar relatórios das condições dos colonos para a Suíça. Não o pode mandar nenhum relatório, a primeira tentativa não teve êxito, nela Davatz já colocava alguns pontos referentes às condições dos colonos; as coisas não eram como se propagandeavam pela Europa. Um dos diretores da fazenda descobriu este relatório. Davatz foi chamado à sede da fazenda para ter uma conversa com o diretor; esta conversa adquiriu tons ameaçadores. Foi o primeiro atrito entre Davatz e os responsáveis pela fazenda; foi, ele proibido de fazer outros relatórios. A partir daí seguiu sua vida mas ficou com receio das ameaças. Thomas Davatz não tinha contato direto com os outros colonos, pensava que ao expor suas idéias aos colonos, estes não confiariam nele, por ser ele um mestre-escola e ter, com isso, uma situação econômica melhor que a dos outros colonos.

Ao longo do livro, ele sempre ressaltou que era por princípio inimigo das revoluções. Mas, no entanto a situação dos colonos não era favorável, eles já se manifestavam contrários à sua situação. O

REVOLTA DE IBICABA E O FIM DO SISTEMA DE PARCERIA. Moisés Stahl, Claudinei Magno Magre Mendes. – Área Humanidades – História – Departamento de História – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

receio do mestre-escola de manter contato com os outros trabalhadores foi quebrado quando um colono se aproximou para conversar e expor sua indignação com as condições dos imigrantes. Com isso Davatz afastava de si a condição de incentivador de qualquer possível sublevação. Estava livre, tal idéia partira de outro colono. Esta conversa foi o primeiro e importante passo para as suas reivindicações. Houve algumas reuniões, cada uma, com um numero maior de participantes. Em uma dessas reuniões redigiram as condições dos colonos e pediram o intermédio do consulado Suíço no Rio de Janeiro.

Um fato causou a raiva dos colonos, colocando os a um passo da revolta. A redução dos pagamentos pelo café, e o conseqüente aumento nas dividas. Os ânimos foram acalmados. Nas vésperas do fim de ano o clima fica tenso na fazenda. Davatz foi chamado até a cede da fazenda, lá eles discutem as condições e as reivindicações. O clima tenso se espalhou pela região, mas sem maiores problemas. Os ânimos vão se acalmando, porém os colonos não deixam suas reivindicações de lado. Expedem cartas à embaixada Suíça no Brasil, pedindo a realização de um inquérito acerca das condições dos colonos suíços e alemães. A missão de inspeção chegou na fazenda Ibicaba no dia 13 de fevereiro de 1857. Os colonos expuseram seus pedidos, no total foram doze proposições reivindicatórias. O principal responsável pela fazenda, o Sr. Luis Vergueiro, filho do Senador, chegou de viagem para acalmar os ânimos. Também se reuniu com a missão e após ouvir as reivindicações, respondeu que, os parceiristas fossem mais ativos, e que certos colonos deixassem a colônia, se referindo a Davatz.

Aos poucos os ânimos foram se acalmando. As melhorias foram realizadas em acordo amigável. Ficou estabelecido que Davatz voltaria para a Suíça. O caso se espalhou pela Europa, com isso, teve um fim a imigração suíça e alemã para o Brasil. Em pouco tempo o Sistema de Parceria perderia força.

Algumas opiniões de estudiosos, acerca do Sistema de Parceria deve ser colocar para uma melhor compreensão. O sistema de parceria não teve sucesso, o que levou a esse fracasso?

Para Verena Stolcke o que levou o sistema de parceria ao fracasso foi o atraso dos fazendeiros. Ela diz: “...os fazendeiros não sabiam onde residiam seus verdadeiros interesses. Revelavam-se incapazes de perceber as exigências de uma relação contratual, incapacidade esta derivada de sua longa tradição como senhores de escravos. Ao usarem antes a coerção do que incentivos econômicos, inviabilizaram o próprio sistema de trabalho que haviam escolhido como alternativa para a escravidão.”(pág.49)

A historiadora Emilia Viotti atribui o fracasso do sistema ao alto custo de produção do café, devido ao fato de ser uma cultura muito intensiva de trabalho, ao baixo nível de mecanização e aos baixos preços do café, reduzindo, conseqüentemente, as margens de lucro, que desencorajavam tanto fazendeiros quanto trabalhadores. Para o estudioso W. Dean, o fracasso esta no fato de que, passados os primeiros anos os trabalhadores livres só continuariam a trabalhar mediante o uso de coerção ou o oferecimento de contratos mais favoráveis.

São três visões diferentes acerca do mesmo assunto. O primeiro argumento é mais convincente, os fazendeiros oneravam muito os colonos, suas dividas não paravam de crescer, os contratos eram desfavoráveis aos trabalhadores. Como viam que suas dividas estavam longe de serem quitadas, não viam porque trabalhar na lavoura de café, preferindo as culturas alimentares.

É no contexto da revolta dos colonos na fazenda modelo de Ibicaba que vemos todas as reivindicações em relação aos contratos; vemos também a incapacidade dos fazendeiros, arraigado a uma mentalidade escravocrata, de lidar com os colonos.

REVOLTA DE IBICABA E O FIM DO SISTEMA DE PARCERIA. Moisés Stahl, Claudinei Magno Magre Mendes. – Área Humanidades – História – Departamento de História – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

Referencias bibliográfica

BORGES, Vavy Pacheco. O que é Historia. Brasiliense, São Paulo, 2001.

CHAUI, Marilena. O que é Ideologia. Brasiliense, São Paulo, 2003.

DAVATZ, Thomas. Memórias de um colono no Brasil, Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1951.

FARIAS, Jackson. História sem paredes: uma visita à fazenda. Artigo, In Revista Desvendando a História, ano 1, nº 2.

FAUSTO, Boris. História do Brasil, Edusp, São Paulo, 2002.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes, Boletim nº 301 F.F.C.L. USP, São Paulo, 1964.

FRANCESCHETTO, Gilmar. As imagens perdidas de Victor Frond. Artigo, In Revista Nossa História, ano 2 nº 14, 2004.

STOLCKE, Verena. Cafeicultura homens, mulheres, e capital (1850-1980), Brasiliense, São Paulo, 1986.

TSCHUDI, J.J. Von. Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, 1953.

VIOTTI DA, Costa Emilia. Da Senzala à Colônia, São Paulo, 1966.

VIOTTI DA, Costa Emilia. Da Monarquia à República, São Paulo, 1977.

Bolsa: PAAE